

# A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2018

**Francine Baranoski Pereira**

(Organizadora)

# **A Língua Portuguesa em Dia**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contém embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822116</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCOLLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822117</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>100</b>
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822119</b>	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>130</b>
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>140</b>
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>148</b>
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>180</b>
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmella Franco Bispo dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>191</b>
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221118</b>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>213</b>
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRONS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggj Moreira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>225</b>
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>237</b>
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>254</b>
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>279</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221123</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>290</b>
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221124</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>304</b>
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221125</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>318</b>
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221126</b>	

<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>334</b>
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221127</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>341</b>
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221128</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>354</b>
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221129</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>361</b>
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221130</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>370</b>
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221131</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>385</b>
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221132</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>



## LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM *LUUANDA*

**Fabiana de Paula Lessa Oliveira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre paisagem, memória e história no conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, que integra a coletânea *Luuanda* (1963, 1 ed.), do escritor Luandino Vieira. Apresenta-se, na narrativa, um olhar sobre a época colonial, dividida de maneira geral em dois polos – colonizador/branco e colonizados/negros – onde os que detêm o poder impõem suas regras para cada vez mais explorar, dominar, submetendo a maior parte da sociedade a condições degradantes, de completa escassez de bens e serviços essenciais à vida humana. Como fundamentação teórica, utilizam-se os textos de Michel Collot (2010), Maurice Halbwachs (2013) e Frantz Fanon (2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** paisagem; memória; história; Angola; Luandino Vieira.

**ABSTRACT:** The present work aims to reflect on landscape, memory and history in the short story “Vavó Xíxi and his grandson Zeca Santos”, which integrates Luuanda’s collection (1963, 1. ed.) by the writer Luandino Vieira. In the narrative, a look at the colonial period, divided in general into two colonies – colonizer/white and colonized/black – where those who

hold power impose their rules to increasingly exploit, dominate, subjecting most of society to degrading conditions of complete scarcity of goods and services essential to human life. The works from Michel Collot (2010), from Maurice Halbwachs (2013) and from Frantz Fanon (2010) are used as the theoretical basis.

**KEYWORDS:** landscape; memory; history; Angola; Luandino Vieira.

Amanhã

entoaremos hinos à liberdade

quando comemorarmos

a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz

os teus filhos Mãe

(todas as mães negras

cujos filhos partiram)

Vão em busca de vida.

(Agostinho Neto)

### 1 | LUANDINO VIEIRA E SEU TEMPO

José Luandino Vieira nasceu em 1935, em Vila Nova de Ourém, Portugal, e emigrou com

os pais para Angola em 1938. Passou a infância e juventude em Luanda, onde concluiu os estudos secundários. As vivências nas áreas periféricas da cidade deixaram marcas profundas em sua vida que serviram de base para a matéria literária, como afirma Rita Chaves (2005, p. 20):

a infância vivida nos bairros populares, em comunhão com os meninos negros e mestiços e a gente pobre da cidade, deixaria marcas fortes e seria convertida em poderosa experiência. Da memória dessa experiência iria compor-se uma das matrizes do narrador que seus textos nos apresentam.

Participou das lutas pela independência do país ao lado do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) – de base marxista, pró-soviética – que tinha como líder o escritor Agostinho Neto. Foi detido pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), acusado de exercer atividades anticolonialistas, em 1959 (Processo dos 50).

Nesta década (1960), abate-se uma repressão generalizada sobre os políticos e intelectuais ligados às movimentações nacionalistas. São encerradas a CEI, as edições Imbondeiro e outras publicações e, durante um certo tempo (1964-70), com a guerra a decorrer em algumas regiões do mato (noroeste e leste), fica-se com a sensação de que as actividades culturais angolísticas não recuperarão o fôlego. (LARANJEIRA, 1995, p. 40)

De novo preso em 1961, é condenado a 14 anos de prisão e medidas de segurança. Transferido, em 1964, para o Campo de Concentração do Tarrafal, Cabo Verde, onde passou 8 anos. Em 1965, foi escolhido pela Sociedade Portuguesa de Escritores, presidida por Manuel da Fonseca, para receber o Prémio Camilo Castelo Branco pela obra *Luuanda*, escrita no pavilhão prisional da PIDE, em São Paulo, Luanda, durante o ano de 1963. Como era um preso político, a Sociedade sofreu represálias e foi desfeita por ação do governo salazarista.

A atribuição do **Grande Prémio de Novelística a Luuanda (1964), de José Luandino Vieira**, pela Sociedade Portuguesa de Escritores (1965), quando este se encontrava preso por “actividades terroristas”, no Tarrafal (em Cabo Verde), despoleta uma repercussão a nível de Portugal e círculos internacionais, tornando-o, com Agostinho Neto, o escritor mais conhecido. Outros escritores passam pelas prisões ou aí permanecem longos anos: Uanhenga Xitu, Manuel Pacavira, Jofre Rocha, Aristides Van-Dúnem, etc. (LARANJEIRA, 1995, p. 40)

Foi libertado em 1972 e passou a viver em liberdade vigiada em Lisboa.

**Em 1972 sai em liberdade condicional.**

Foi de surpresa.

**De surpresa?**

Mesmo tendo conhecimento de que havia diligências continuadas da minha mulher — e provavelmente muita pressão, e pressão exterior, e começámos

a saber de mudanças com Marcelo Caetano e tal —, depois daqueles anos esperava concluir o cumprimento da pena. Esperança tinha, mas não ilusões. De modo que quando me avisaram fui apanhado a trabalhar na carpintaria. Recordo muito bem que foi de manhã: “Arranje as suas coisas que vai sair.” Vieram os guardas e o chefe e toda a gente. E eu “Sair porquê?” E disse: “Só saio à tarde. Vou acabar o que estou a fazer, depois vou arrumar as minhas coisas, depois vou almoçar o último almoço com os meus companheiros. (COELHO, 2009)

Iniciou a publicação de sua obra em grande parte escrita nas prisões por onde passou.

**FOLHA - Seus livros foram em parte escritos na prisão, quando lutou pela independência de Angola. O que representava escrevê-los?**

**VIEIRA** – Representavam um modo de resistência à desagregação psicológica e espiritual. E um modo de sobrevivência espiritual, trabalhando e retrabalhando o material acumulado na memória. Porque nos impunham viver em um ambiente de desertificação intelectual. Para mim, também de esclarecimento pessoal, avaliação e revisão permanentes dos motivos de minha presença naquelas prisões e participação no movimento de independência no meu país. Nunca esqueci que era branco, instruído, classe média.

Retornou a Angola em 1975, onde ocupou vários cargos ligados à cultura. Foi membro fundador da União de Escritores Angolanos e secretário-geral adjunto da Associação dos Escritores Afro-asiáticos. Com o reinício da guerra civil nos anos 1990, regressou a Portugal.

Luandino Vieira é considerado um dos mais importantes escritores em língua portuguesa do século XX. Ganhou notoriedade a partir de seu envolvimento direto na luta pela independência de Angola e de sua participação na revista *Cultura*, de 1957. Foi um dos precursores de uma literatura escrita como resistência à imposição da cultura do colonizador.

A *Cultura* apresentava-se como um jornal cultural voltado para a angolanidade, entendida num sentido mais amplo do que a da *Mensagem*, na medida em que, de facto, mostrava abertura aos vários quadrantes da sociedade angolana empenhados na desalienação, na instrução e na produção de uma cultura viva, baseada na tradição africana, sem descurar os contributos internacionais, como se vê pelas variadas colaborações. (LARANJEIRA, 1995, p. 104)

*Luuanda* traz uma escrita que mescla – ao mesmo tempo põe em choque – o português, língua oficial imposta pelo colonizador, e o kimbundu, língua nativa falada pelos colonizados; uma forma de reafirmar a angolanidade. A obra expressa os conflitos étnicos, geracionais e ideológicos que se aprofundam à medida que se intensificam os movimentos pela independência, mais fortes a partir do final dos anos 1950.

O texto de Luandino chama a atenção pelo modo como a partir de questões locais aborda temas universais, por exemplo: a miséria, a fome, o desemprego, a escassez de bens e de serviços, etc. Outros pontos discutidos são o conflito de gerações, o

embate de tradição e modernidade e a falta de perspectiva dos que habitam nas zonas periféricas do sistema capitalista mundial.

As personagens circulam por espaços degradados que misturam aspectos do campo/barro vermelho e da cidade/asfalto. Relacionam com a pobreza que os cerca como algo inevitável. Procuram um sentido para suas vidas, ora resgatando uma tradição destruída pela necessidade de adaptação à hostil colonização dos portugueses, ora participando da ordem mundial do consumo.

## 2 | O CÉU AINDA SEM AZUL NEM SOL EM ANGOLA

Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, concebe-se paisagem, entre outras acepções, como sendo “extensão de território que o olhar alcança num lance; vista, panorama”; “conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar” (HOUAISS, 2001, p. 2105). Para Michel Collot,

toda paisagem é percebida a partir de *um ponto de vista* único descobrindo, para o olhar, uma certa *extensão*, a qual corresponde apenas uma *parte* do país em que se encontra o observador, mas que forma um *conjunto* imediatamente abarcável. (COLLOT, 2010, p. 205-206)

Essas definições contribuem para se pensar o conceito de paisagem e como pode ser empregado na construção do sentido do texto, tendo em vista que a leitura da história do país atravessa as paisagens, conforme se vê:

Tinha mais de dois meses a chuva não caía. Por todos os lados do **musseque**, os pequenos filhos do capim de novembro estavam vestidos com pele de **poeira vermelha** espalhada pelos ventos dos jipes das patrulhas zunindo no meio de **ruas e becos**, de **cubatas arrumadas à toa**. Assim, quando vavó adiantou sentir esses calores muito quentes e os ventos a não querer mais soprar como antigamente, os vizinhos ouviram-lhe resmungar talvez nem dois dias iam passar sem a chuva sair. Ora a manhã desse dia nasceu com as nuvens brancas – mangonheiras no princípio; negras e malucas depois – a trepar em cima do musseque. E toda a gente deu razão em vavó Xíxi: ela tinha avisado, antes de sair embora na Baixa, a água ia vir mesmo. (VIEIRA, 2006, p. 11, grifo nosso)

Como se observa no fragmento, inicia-se o conto com o narrador em terceira pessoa direcionando o olhar para o espaço da periferia urbana de Luanda, Angola: o musseque – bairro de construções precárias nos arredores da cidade, onde habitam os mais pobres.

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a aldeia negra, a *medina*, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Ali, nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa. É um mundo sem intervalos, os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. (FANON, 2010, p. 55)

Vale ressaltar que a presença da chuva permeia toda a narrativa, tendo assim um papel relevante, tanto pelo país ser uma economia de base agrária, como também se pode inferir a passagem para novos e bons tempos que os africanos anseiam neste momento de Guerra de Libertação. Espera-se o fim da opressão, da violência (física e verbal) e do silenciamento a que foram submetidos pelo colonizador europeu.

Sendo a chuva considerada “o agente fecundador do solo”, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 235), poderia vir para germinar a semente lançada da libertação nacional. Gerar em cada ser humano um sentimento patriótico para que a sociedade possa ir à luta por melhores condições de vida. E o prenúncio de novos tempos vem da voz da mais velha, vavó Xíxi, que muito já viveu para sentir as mudanças.

É interessante notar a possibilidade de leitura da conjuntura político-social do período retratado através dos tons da paisagem. Eles transmitem a ideia de que há um desejo de liberdade, a esperança já aponta no horizonte, por vezes camuflada pelos dias difíceis, que são simbolizados pela “poeira vermelha”, que sugere a terra de barro vermelho, onde situa o musseque, assim como o sangue derramado neste início de conflito. Portanto, “os pequenos filhos do capim” remetem à vida, à esperança, porém encontram-se cobertos pelo vermelho da terra e do sangue.

E as “nuvens brancas”, sinalizando uma aparente paz, transformam-se em “negras”, representando o próprio estado do país. No texto, estão disseminadas as cores vermelha, branca e preta simbolizando os tempos difíceis que estão vivendo, mas a paz por que lutam também.

Primeiro, um vento raivoso deu berrida nas nuvens todas fazendo-lhes correr do mar para cima do Kuanza. Depois, ao contrário, soprou-lhes do Kuanza para cima da cidade e do Mbengu. Nos quintais e nas portas, as pessoas perguntavam saber se saía chuva mesmo ou se era ainda brincadeira como noutros dias atrasados, as nuvens reuniam para chover mas vinha o vento e enxotava. Vavó Xíxi tinha avisado, é verdade, e na sua sabedoria de mais-velha custava falar mentira. Mas se ouvia só ar quente às cambalhotas com os papéis e folhas e lixo, pondo rolos de poeira pelas ruas. Na confusão, as mulheres adiantavam fechar janelas e portas, meter os monas para dentro da cubata, pois esse vento assim traz azar e doença, são os feiticeiros que lhe põem. (VIEIRA, 2006, p. 11-12)

Não é por acaso a referência ao rio Kuanza, maior rio exclusivamente angolano, que nasce no Planalto Central de Angola e desemboca no Oceano Atlântico. Foi o berço do antigo Reino do Ndongo, tendo sido uma das vias de penetração dos portugueses em Angola no século XVI. Nele encontra-se uma identificação com o país. Ao contrário do mar que remete à morte, à dor, ao sofrimento causado pela colonização portuguesa. É importante para economia angolana, porque serve tanto para a produção de energia elétrica, quanto para a irrigação de áreas agrícolas ao longo do seu curso. Inserir-lo é uma forma de reafirmar a identidade nacional, tendo em vista que

uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos, sobre a nação, sentidos com os quais



podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas. (HALL, 2006, p. 50-51)

Como se percebe, o “vento raivoso” expulsa as nuvens do mar para cima do Kuanza, e vice-versa, até retornarem em direção à cidade. É responsável pela “tempestade” que está por vir, visando à destruição do mundo colonial. Logo, traz uma possibilidade de liberdade, onde os africanos possam ser sujeitos de sua própria história, apesar da devastação que toda guerra causa. A opressão cada vez mais acentuada no decorrer do século XX, durante o regime de Salazar, chegou a um limite intolerável, levando à reação da sociedade angolana.

A ideia difundida de que os ventos fortes trazem “azar e doença” encontra-se na memória coletiva, por isso as pessoas daquele grupo social lembram-se. Diferentemente de algumas sociedades, o feiticeiro exerce uma função social importante na cultura africana: é aquele capaz de se comunicar com seus ancestrais. Todavia, os mais velhos são os que possuem a sabedoria para compreendê-lo. Traz consigo uma força superior. É responsável pela ligação entre os mundos: visível e invisível.

A memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2013, p. 69)

Era inevitável, a chuva viria pela experiência da avó e com ela a expectativa de uma vida digna.

Mas, cansado do jogo, o vento calou, ficou quieto. Durante algum tempo se sentiram só as folhas das mulembas e mandioqueiras a tremer ainda com o balanço e um pírulas, triste, cantando a chuva que ia vir. Depois, pouco-pouco, os pingos da chuva começaram a cair e nem cinco minutos que passaram todo o musseque cantava a cantiga d’água nos zincos, esse barulho que adiantou tapar os falares das pessoas, das mães gritando nos monandengues para sair embora da rua, carros cuspidos lama na cara das cubatas, e só mesmo o falar grosso da trovoada é que lhe derrotava. E quando saiu o grande trovão em cima do musseque, tremendo as fracas paredes de pau-a-pique e despregando madeiras, papelões, luandos, toda a gente fechou os olhos, assustada com o brilho azul do raio que nasceu no céu, grande teia d’aranha de fogo, as pessoas juraram depois as torres dos reflectores tinham desaparecido no meio dela.

Com esse jeito choveu muito tempo. (VIEIRA, 2006, p. 12)

De acordo com Simon Schama (1996), “uma árvore nunca é apenas uma árvore. A natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo. Em cada árvore, cada rio, cada pedra estão depositados séculos de memória”. Isso se

evidencia no texto. É possível perceber que os elementos naturais, como o rio Kuanza – importante em Angola – e as mulembas ou figueiras africanas – consideradas árvores sagradas – são retomados para marcar a identidade nacional. E quando se fala de África, as relações entre o homem e a natureza estreitam-se, formando “elos de uma mesma e indissociável cadeia significativa”. (Alassane Ndaw *apud* PADILHA, 2007, p. 26)

“Com esse jeito choveu muito tempo”, lê-se a luta pela independência durou anos, Portugal insistia em permanecer com suas possessões em África. Ainda vislumbrado com a construção da imagem de grande império, demorou a ajustar “a imagem ideal da Pátria à imagem real” (LOURENÇO, 1992, p. 47). A população que vivia nos musseques é a que mais sofre, além da falta de infra-estrutura de maneira geral, sofre com a fome e o desemprego. Um país em guerra não se desenvolve, todo dinheiro ou grande parte é destinado ao setor bélico, deixando a sociedade sem condições mínimas de subsistência, em estado de extrema pobreza. Falta emprego, áreas voltadas para a agricultura foram minadas, a situação de miséria agrava-se.

Era meio-dia já quase quando começou ficar mais manso, mesmo com o céu arreganhador e feio, todo preto de nuvens. O musseque, nessa hora, parecia era uma sanzala no meio da lagoa, as ruas de chuva, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo caminho do alcatrão que leva na Baixa ou ficando, teimosa, em cacimbas de nascer mosquitos e barulhos de rãs. Tinha mesmo cubatas caídas, e as pessoas, para escapar morrer, estavam na rua com as imbambas que salvaram. Só que os capins, aqueles que conseguiam espreitar no meio das lagoas, mostravam já as cabeças das folhas lavadas e brilhavam uma cor mais bonita para o céu ainda sem azul nem sol. (VIEIRA, 2006, p. 12-13)

A guerra já começava a deixar rastros de destruição. Nas áreas mais pobres, a situação agrava-se, devido às frágeis construções. As pessoas perdem suas próprias moradias, para sobreviverem ficam na rua com seus pertences, os que conseguiram salvar. No entanto, a esperança sempre desponta na terra arrasada.

De certa forma, tenta-se abarcar o universo dos colonizados marcado de faltas, como: água, energia, emprego, vidas em condições precárias de habitação, saúde e higiene, onde o poder público não chega. Leva-se a refletir sobre as mazelas por que passam o povo: miséria, fome, desemprego, exploração pelo trabalho, todo tipo de violência a que são submetidos. Fanon expõe, ao referir-se ao espaço do colonizado, que “é uma cidade faminta, esfomeada de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz”. (FANON, 2010, p. 55-56)

Isso se vê no conto, onde a avó e o neto vivem em completo estado de carência; decorrente, em parte, da prisão do pai de Zeca, acusado de terrorista, ou seja, anticolonialista. Sem ter como mantê-los, a avó insiste que o menino procure um emprego. Com a guerra, as mulheres passam a ser as responsáveis pela família, porém, quando são mais velhas, as coisas se tornam mais difíceis. Como saída, os mais novos vão ter que ir à procura de trabalho para garantir o mínimo à família.

— Vamos comer é o quê? Fome é muita, vavó! De manhã não me deste meu matete. Ontem pedi jantar, nada! Não posso viver assim...

[...]

— Sukua! Então, você, menino, não tens mas é vergonha?... Ontem não te disse dinheiro 'cabou? Não disse para o menino aceitar serviço mesmo de criado? Não lhe avisei? Diz só: não lhe avisei?...

— Mas, vavó!... Vê ainda!... Trabalho estou procurar todos os dias. Na Baixa ando, ando, ando — nada! No musseque...

[...]

Tinha levantado, parecia as palavras punham-lhe mais força e juventude e ficou parada na frente do neto. A cabeça grande do menino toda encolhida, via-se ele estava procurar ainda uma desculpa melhor que todas desses dias, sempre que vavó adiantava xingar-lhe de mangonheiro ou suinguista, só pensava em bailes e nem respeito mesmo no pai, longe, na prisão, ninguém mais que ganhava para a cubata, como é iam viver, agora que lhe despediram na bomba de gasolina porque você dormia tarde, menino?... (VIEIRA, 2006, p. 13-14)

Na busca por emprego, vão revelando-se as formas de dominação e de exploração praticadas na sociedade. Na primeira tentativa de Zeca Santos, ao procurar Sr. Souto, é acusado de “gatuno”, “filho de terrorista”, por fim, expulso do posto de gasolina a base de chicotadas e de ofensas. E violência colonial vai além de querer controlar os homens dominados, “ela procura desumanizá-los”. (SARTRE, 2010, p. 32)

— Juro, vavó! Andei procurar trabalho...

— O menino foste no branco sô Souto, foste? Te avisei ainda para ir lá, se você trabalha lá, ele vai nos fiar almoço!... Foste? (...)

— O branco sô Souto, o branco sô Souto! Vê só, vavó, vê ainda, mira bem!

Zeca Santos estava tirar a camisa amarela de desenhos de flores coloridas, essa camisa que tinha-lhe custado o último dinheiro e provocado uma grande maca com vavó. Na pouca luz da cubata e do dia sem sol, **as costas estreitas de Zeca apareceram com um comprido risco vermelho atravessado**. Vavó levantou com depressa e passou as mãos velhas e cheias de calos nas costas novas do neto.

— Aka! Como é o menino arranjaste?... Diz só! Fal'então!?! (...)

— ... me arreou-me não sei porquê então, vavó! Não fiz nada! Quando eu fugi, **ficou me gritar** ia pôr queixa no Posto, **eu era gatuno** (...) E estava-me gritar eu era **filho de terrorista**, ia-me pôr uma queixa, não tinha mais comida para bandidos, não tinha mais fiado... (VIEIRA, 2006, p. 15-16, grifo nosso)

Aqui se vê a agressão ideológica, são acusados de “ladrões” e “terroristas”, são ofendidos, e levados a acreditar que são assim, portanto não merecem oportunidade. “Uma vez que o colonizado é *presumido* ladrão, é preciso prevenir-se *efetivamente* contra êle, suspeito por definição, por que não seria culpado?” (MEMMI, 1967, p. 85). Além de outros discursos que são propagados, como “incapazes”, “preguiçosos”, “ingratos”, etc.

Para justificar, para legitimar o domínio e a espoliação, o colonizador precisa

estabelecer que o colonizado é por “natureza”, ou por “essência”, incapaz, preguiçoso, indolente, ingrato, desleal, desonesto, em suma, inferior. Incapaz, por exemplo, de educar-se, de assimilar a ciência e a tecnologia modernas, bem como de exercer a democracia, de governar-se a si mesmo. (CORBISIER, 1967, p. 9)

Em um segundo momento, devido ao local onde o jovem mora, não lhe é concedido o trabalho. Se a área for considerada reduto de “terroristas”, como eram chamados os que estavam engajados na luta de libertação, também não tinham oportunidades. Os meios de produção eram controlados por uma minoria branca contrária à independência para assim manter o *status quo*.

— Já sei, já sei. Não digas mais. Vens pelo anúncio, não é? Anda para aqui. Xico, ó Xico!

O rapaz da farda veio nas corridas trazendo bloco de papel e lápis e parou na frente dele, à espera. O homem magro observou bem Zeca Santos nos olhos; depois, depressa, desatou a fazer perguntas, parecia queria-lhe mesmo atrapalhar: onde trabalhou; o que é que fazia; quanto ganhava; se estava casado; qual era a família; se era assimilado; se tinha carta de bom comportamento dos outros patrões; muitas coisas mais, Zeca Santos nem conseguia tempo de responder completo, nem nada. E no fim já, quando Zeca tremia de frio com aquele ar do escritório e o vazio da barriga a morder-lhe, a voz de todos a fugir, longe, cada vez mais longe, o homem parou na frente dele para perguntar, olhando a camisa, as calças estreitas, com seus olhos maus, desconfiados:

— Ouve lá, pá, onde é que nasceste?  
— Nasceu onde? — repetiu o contínuo.  
— Catete, patrão!

O homem então assobiou, parecia satisfeito, bateu na mesa enquanto tirava os óculos, mostrando os olhos pequenos, cansados.

— De Catete, hem?! Icolibengo?... Calcinhas e ladrões e mangonheiros!... E agora, por cima, terroristas!.. Põe-te lá fora, filho dum cão! Rua, filho da mãe, não quero cá catetes!... (VIEIRA, 2006, p. 28-29, grifo nosso)

A violência com que os negros são tratados atinge outra dimensão, se pensarmos que em pleno século XX, ainda há o domínio de uma nação sobre a outra, os africanos são considerados “os outros” em seu próprio território, sem mencionar as riquezas minerais de seus países que vão para fora, enquanto a população vive em péssimas condições. Como lembra Marx e Engels (2010, p. 57), somente “à medida que se suprime a exploração de um indivíduo por outros, suprime-se igualmente a exploração de uma nação sobre a outra”. Como é difícil levar o indivíduo a pensar que o seu acúmulo de riqueza pode ser decorrente da exploração do outro, talvez essa situação se perdure por séculos.

Chega-se a um ponto que não é mais possível admitir esse desrespeito sem medidas. Aí entra outra questão importante: a animalização do homem africano, como se observa na fala do colono que chama Zeca Santos de “filho dum cão”. “E, de fato, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica” (FANON, 2010, p. 59). Não é visto sequer como ser humano.

Frantz Fanon (2010) argumenta que só com a violência o mundo colonial pode ser combatido, não há um caminho para o diálogo diante de tantas atrocidades cometidas pelos colonizadores. Vale mencionar que até hoje os portugueses insistem em afirmar que a colonização imposta por eles foi mais branda em relação às outras nações, como se fosse possível.

Por último, constata-se a exploração do homem pelo homem, disseminada no discurso de que o jovem negro não é capaz, que é fraco. Sendo assim, merece um salário menor, pois o dono ou o responsável do negócio alega estar ajudando. Como está fazendo um favor, dentro da lógica colonialista/capitalista, nada mais justo pagarlhe uma porcentagem do salário, que já é ínfimo. Vale destacar que os mais pobres que formam a base da pirâmide com baixos salários e vultoso corpo social sustentam as elites locais. Diante do "bicho da fome", a saída era sujeitar-se.

Sebastião tinha-lhes recebido bem, Maneco era amigo. Grande, careca quase, o homem falou com voz grossa em Zeca Santos, apalpou-lhe ainda os braços, depois cuspiu. Mas Maneco estava a ajudar-lhe:

— Deixa, Mbaxi! O rapaz precisa... (...)

— **E você, rapaz, és fraco! Não quero t'aldrabar!...**

Zeca Santos resmungou qualquer coisa, nem ele mesmo que percebeu o quê, o homem fazia respeito com seu largo peito e braços pareciam eram troncos de pau, a voz grossa, as pernas grandes saindo numa calça rasgada em feitiço de calção. Apontando em todos os outros por ali sentados ou deitados, Sebastião riu um grande riso de dono e falou-lhes, mais baixo agora:

— Você vai roubar serviço num desses homens!... Mas deixa só! Eu é que escolho quando vêm os camiões... e você vai comigo!

Maneco apertou-lhe a mão para despedir, mas o homem não aceitou. Continuou rir, ria, e falou outra vez. Zeca Santos não percebia porquê o homem ria assim, mas as palavras espantaram:

— **Os gajos costumam pagar quarenta, nesse serviço. Já foi sessenta cada dia, mas tem sempre cada vez mais gente aqui para trabalhar e os sacanas fazem batimento...**

Olhou para todos os lados, calado e desconfiado agora, e os olhos brilharam na cara achatada de grande queixo.

— **Dez paus cada dia, são para mim. Aceitas?** (VIEIRA, 2006, p. 31-32, grifo nosso)

Essas são algumas formas de violência praticadas na sociedade, contudo a esperança por mudanças mantém-se viva. Além disso, a fome também é uma forte agressão ao indivíduo. Pode ter origem em um conjunto de fatores de ordem natural (secas, inundações), questões socioeconômicas ou ter causa política (conflitos armados, guerras). Em África, esses fatores sobrepõem-se, tornando a situação mais grave.

— Zeca! Olha ainda, menino... Parece estas coisas é mandioca pequena, vou lhes



cozer. E tem esta laranja, vê ainda, menino! Arranjei para você...

E foi nessa hora, com as coisas bem diante da cara, o sorriso de vavó cheio de amizade e tristeza, Zeca Santos sentiu uma vergonha antiga, uma vergonha que lhe fazia querer sempre as camisas coloridas, as calças como sô Jaime só quem sabia fazer, uma vergonha que não lhe deixava aceitar comida, como ainda nessa manhã: Maneco tinha querido dar meia-sandes, voltara-lhe. Agora enchia-lhe no peito, no coração. **Fechou os olhos com força, com as mãos, para não ver o que sabia, para não sentir, não pensar mais o corpo velho e curvado de vavó, chupado da vida e dos cacimbos, debaixo da chuva, remexendo com suas mãos secas e cheias de nós os caixotes de lixo dos bairros da Baixa. As laranjas quase todas podres, só ainda um bocado é que se aproveitava em cada uma e, o pior mesmo, aquelas mandiocas pequenas, encarnadas, vavó queria enganar, vavó queria lhes cozer para acabar com a lombriga a roer no estômago...**

Nem Zeca mesmo podia saber o que sucedeu: saltou, empurrou vavó Xíxi e, sem pensar mais nada, antes que as lágrimas iam lhe nascer outra vez nos olhos, saiu a gritar, a falar com voz rouca, a repetir parecia era maluco:

— São dalias, vavó! São flores, vavó! É a raiz das flores, vavó! (VIEIRA, 2006, p. 18-19, grifo nosso)

É notório o desconforto que Zeca Santos sente ao lembrar-se de seus gastos supérfluos, quando trabalhava. Como ele e sua avó passam necessidade, uma grande tristeza invade-o, especialmente por imaginar a avó em um dia chuvoso revirando o lixo em busca de alimento para ele. A mais velha insiste que veja o que conseguiu – “mandiocas pequenas, encarnadas” e “laranjas pobres” – mas fecha os olhos para não rever toda aquela miséria. Ao fugir da cena, pensa na beleza das dalias em contraponto a situação em que vivem, e grita: “São dalias, vavó! São flores, vavó! É a raiz das flores, vavó!” (VIEIRA, 2006, p. 19). E o herói Zeca Santos, como em outras histórias de Luandino, é vencido. (SANTILLI, 1980, p. 262)

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na narrativa, é retratada a vida difícil em um país colonizado como Angola, onde a sociedade é dividida basicamente em dois grupos: colonizador / branco – detentor dos meios de produção e ocupante de cargos públicos – e colonizados/negros – mão de obra barata – que vivem em condições desumanas, faltando o básico para a sobrevivência, por exemplo, água e comida; chegando ao ponto de catar alimentos podres no lixo; além de outras formas de violência cotidiana a que são submetidos. Logo, as relações são sempre conflituosas.

A história foca-se na periferia urbana, espaço de convívio coletivo, aglomerações, denotando certa desestruturação social; precariedade de recursos, de meios de subsistência; completa escassez de luz, água, alimentos, vestimentas, emprego. Apesar disso, o musseque surge como símbolo de luta, resistência, e é a voz do povo angolano que será ecoada.

Percebe-se uma mistura entre a língua nativa (quimbundo) e o português, o

escritor subverte a língua portuguesa a fim de marcar, valorizar a identidade angolana. Assim o falar do povo passa a ser representado. Vale destacar que a vavó Xíxi, nos momentos mais emotivos, para expressar raiva, tristeza, alegria, pronuncia em quimbundo. Joseph Ki-Zerbo discute acerca da relevância de comunicar-se na língua africana, tanto como forma de reafirmar a identidade nacional, quanto de libertar os cidadãos das amarras de um língua que não dá conta de representá-los culturalmente, conforme se vê:

O problema das línguas é fundamental, porque diz respeito à identidade dos povos. E a identidade é necessária, tanto para o desenvolvimento quanto para a democracia. As línguas também dizem respeito à cultura, aos problemas da nação, à capacidade de imaginar, à criatividade. Quando falamos numa língua que não é originalmente a nossa, exprimimo-nos de forma mecânica e mimética, salvo exceções (mas governa-se para exceções?). Não fazemos mais do que imitar. Mas, quando nos exprimimos na nossa língua materna, a imaginação liberta-se. (KI-ZERBO, 2006, p. 73)

Portanto, o autor percorre a terra vermelha do musseque descrevendo a paisagem natural e a social para abordar uma história que estava sendo construída por homens que lutavam pela liberdade dos colonizados. Ainda hoje não se pode deixar de lutar por justiça social. E a literatura nos faz (re)pensar nosso estar no mundo, a responsabilidade que nos cabe.

## REFERÊNCIAS

- CHAVES, Rita. José Luandino Vieira: Consciência Nacional e Desassossego. In: **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê, 2005. p. 19-44.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad.: Vera da Costa e Silva et al. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COELHO, Alexandra Lucas. Os anos de cadeia foram muito bons para mim. **Público**. Lisboa, 1 maio 2009. Disponível em: <<http://www.publico.pt/2009/05/01/politica/noticia/os-anos-de-cadeia-foram-muito-bons-para-mim-1377921>>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In: ALVES, Ida Ferreira e FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: Eduff, 2010. p. 205-217.
- CORBISIER, Ronald. Prefácio. In: MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad.: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 1-17.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad.: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Eduff, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad.: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Trad.: Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOURENÇO, Eduardo. Psicanálise mítica do destino português. In: \_\_\_\_\_. **O labirinto da saudade**. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 17-64.

LUANDINO quebra seu silêncio. **Folha de S. Paulo Ilustrada**. São Paulo, 14 nov. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200708.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista (1848)**. Trad.: Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad.: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SANTILLI, Maria Aparecida. A “Luuanda” de Luandino Vieira. In: LABAN, Michel (Org.). **José Luandino Vieira e sua obra: estudos, testemunhos, entrevistas**. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 259-269.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio à edição de 1961. In: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad.: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Edufjf, 2010. p. 23-48.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIEIRA, José Luandino. Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos. In: \_\_\_\_\_. **Luuanda: estórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 11-43.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-89-5

